

# Dossiê Mulheres e Sustentabilidade

Gabriela Litre\*

Juliana Dalboni Rocha\*\*

\*Pesquisadora Associada, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília  
Pesquisadora Rede Clima - INPE/MCTI  
End. eletrônico: gabrielalitre@yahoo.com

\*\*Pesquisadora Associada, Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília  
Pesquisadora Rede Clima - INPE/MCTI  
End. eletrônico: dalboni.unb@gmail.com

Organizar um dossiê sobre o tema **Mulheres e Sustentabilidade** para o presente número de **SeD** resultou, como esperávamos, uma tarefa inspiradora e gratificante. Mas, foi também um empreendimento difícil: mesmo sabendo que existem muitas mulheres e muitos homens realizando tarefas significativas no campo do desenvolvimento sustentável, a produção científica sob uma perspectiva de gênero ainda é escassa na América Latina.

A nossa chamada para artigos para o dossiê foi ampla, pois a sustentabilidade também o é: ela vai muito além da simples preservação do meio ambiente. Contempla uma mudança de paradigma que inclui profundas transformações nos valores sociais e econômicos, fazendo com que nos sintamos parte de um todo. O mesmo acontece com o gênero: as qualidades do feminino, que tanta afinidade têm com a sustentabilidade, não podem ser restringidas às mulheres. Assim, o cuidado, a empatia, a delicadeza, a interdependência e a capacidade de trabalhar em equipe e de humanizar a produção podem estar expressas nos dois sexos biológicos.

Desde essa perspectiva ampla e plural, os seguintes temas foram incluídos na chamada para artigos, que emitimos em três línguas (português, francês e inglês): i) a eliminação das barreiras ao acesso das mulheres aos recursos produtivos; ii) a igualdade de direitos e de oportunidades de homens e mulheres nos processos de tomada de decisão; iii) a formação de mais mulheres líderes; iv) a igualdade de gênero no âmbito laboral; v) a promoção do respeito aos direitos sexuais e reprodutivos, e vi) o acesso das mulheres às oportunidades educacionais, especialmente as focadas no desenvolvimento sustentável.

A chamada convocou autores e autoras de trabalhos cientificamente meritórios e politicamente relevantes. Recebemos artigos de três continentes (América do Sul, África e Europa), na maioria de autoras mulheres, mas também trabalhos de homens que se aproximaram do tema do gênero depois de uma formação inicial tradicionalmente “masculina”, como a engenharia agrônoma ou a veterinária. O nosso índice de rejeição foi alto: apesar do mérito de muitos dos trabalhos recebidos,

a maioria não foi aprovada pelo nosso processo de dupla avaliação cega por pares.

Essa experiência demonstrou que, apesar de um claro progresso nos últimos 20 anos, ainda existem na região grandes lacunas no estudo de gênero e sustentabilidade. As estatísticas confirmam o problema, tanto no Brasil quanto no restante da América Latina. Uma busca rápida no diretório de grupos de pesquisa no Brasil, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que em 2010 incluía um total de 27.527 grupos, revelou a existência de 1.698 grupos cujos nomes contêm o termo **sustentabilidade**. Levemente inferior em números, os grupos de pesquisa que incluem o termo **gênero** totalizaram 1.461. Mas, o registro caiu dramaticamente quando a busca inclui a combinação das duas palavras-chave **gênero e sustentabilidade**: apenas seis grupos de pesquisa abordavam os dois temas ao mesmo tempo em 2010. Esse dado é ainda mais marcante se pensarmos que a distribuição percentual dos pesquisadores brasileiros segundo o sexo era, para o mesmo ano de 2010, perfeitamente equitativa: 50% para homens e 50% para mulheres (contra 61% para homens e 39% para mulheres em 1995). O progresso na representatividade do sexo feminino no campo acadêmico brasileiro não se traduziu, ainda, numa agenda de pesquisa com maior ênfase no tema de gênero na área da sustentabilidade.

Uma busca mais ampla, na biblioteca científica eletrônica Scielo “regional” (que inclui em sua base de dados publicações científicas de países como Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Venezuela, Espanha, Portugal, África do Sul, dentre outros), revelou que entre 2006 e 2014 só 15 artigos incluíram as palavras-chave **gênero e sustentabilidade** (*gender and sustainability*): sete originalmente em espanhol, quatro em português e três em inglês. O presente dossiê sobre **Mulheres e Sustentabilidade** procura contribuir para o objetivo de dar maior visibilidade ao incipiente trabalho científico no campo de gênero e sustentabilidade.

Na primeira parte do dossiê apresentamos **cinco trabalhos**. No artigo intitulado “Sustentabilidade e Territorialidade: Fios que Tecem a Luta e a Resistência das Mulheres Camponesas”, os autores brasileiros Debir Soares Gomes e Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo estudaram os percursos alcançados por ações de mulheres no assentamento Maceió, situado no município de Itapipoca, no Ceará. Trabalhando com as relações sociais e as estratégias de reprodução das mulheres rendeiras e camponesas, as categorias **sustentabilidade e territorialidade** foram operadas para a compreensão de suas práticas e visões de mundo.

Inserido no campo da antropologia cultural, o segundo artigo discute a ligação entre a arte como forma de prevenção da violência de gênero e o debate sobre a sustentabilidade. Intitulado “Um olhar analítico sobre as Performances como instrumentos de intervenção social”, o trabalho das autoras portuguesas Ana Paula Canotilho de Seixas e Rosa de Jesus Soares de Bastos Nunes apresenta duas ações performativas realizadas em contexto de projetos de prevenção da violência de gênero, na cidade do Porto.

No artigo “Desarrollo sostenible y transformaciones en la organización del trabajo femenino rural: el caso de las mujeres ganaderas del Uruguay”, as autoras uruguaias Virginia Courdin e Pastora Correa, junto com a argentina Gabriela Litre, apresentam



as principais causas da invisibilidade do trabalho das mulheres na pecuária desse país. A partir de entrevistas com mulheres dedicadas à produção de gado de corte e de leite, as autoras identificam novos perfis de produtoras, segundo o seu grau de envolvimento com as decisões da unidade produtiva, desde chefas e co-chefas da unidade produtiva a observadoras passivas. O trabalho confirma a importância de variáveis como o vínculo entre a mulher e os seus familiares, as suas características socioeconômicas, o tamanho da unidade produtiva e a posse formal da terra e/ou dos animais para contribuir para a eliminação das barreiras ao acesso das mulheres aos recursos produtivos e a igualdade de direitos nos processos de tomada de decisão.

Segue-se um ensaio de autoria de pesquisadoras da França e do Brasil, intitulado “Não existirá agroecologia sem feminismo: A experiência brasileira” (“Il n’y aura pas d’agroécologie sans féminisme: L’expérience brésilienne”). As autoras são Héloïse Prévost, Gema Galgani Silveira Leite Esmeraldo e Hélène Guétat-Bernard. Elas se propõem a mostrar de que maneira o gênero é parte da reflexão de fundo sobre a construção da agroecologia como novo paradigma. Segundo as autoras, muitos defensores da agroecologia não incluem nem a perspectiva de gênero nem a luta contra as desigualdades. Face a essa realidade, numerosos movimentos sociais, especialmente de mulheres rurais, criticam essa “cegueira do gênero” e denunciam as suas consequências.

Em “Relevância e Factibilidade do Envolvimento das Mulheres na Promoção da Produção e da Segurança Alimentar no Sul da África (“Relevance and feasibility of women’s involvement in promoting sustainable food production and security in Southern Africa”), Never Assan, da Zimbabwe Open University, explora o potencial do envolvimento das mulheres africanas na agricultura, frequentemente desvalorizadas e sem acesso formal à terra nem à educação. Para o professor Assan, a única maneira de lidar com o aumento constante da população e com as carências nutricionais no continente é a criação e implementação de políticas públicas que incluam uma clara perspectiva de gênero.

No mesmo dossiê, duas **resenhas** oferecem reflexões sobre livros chave para entender a sustentabilidade desde os olhos de mulheres de vanguarda. Valéria Gentil comenta o livro *Monoculturas da Mente: Perspectivas da Biodiversidade e da Biotecnologia*, da científica, filósofa e escritora india econfeminista Vandana Shiva. Juliana Capra Maia reflexiona sobre a obra *Rachel Carson and her sisters: extraordinary women who have shaped America’s environment*, de Robert K. Musil, que analisa o legado da bióloga marinha Rachel Carson (1907 – 1964), autora do clássico *Silent Spring* (1962).

Para a seção **Debate, SeD** convidou cinco mulheres brasileiras com reconhecida trajetória em diferentes campos da sustentabilidade: política, academia, jornalismo, militância e economia. Por meio de respostas a um questionário *online*, Ana Toni, Mara Régia, Marina Grossi, Thais Corral e Sandra Di Croce (em ordem alfabética) definiram a mulher como um importante agente de transformação do comportamento da sociedade, com papel fundamental para dar o tom da mudança necessária rumo à sustentabilidade. Porém, concordaram as panelistas, isso não quer dizer que os

homens nada tenham a contribuir nem careçam de qualidades do feminino. Ao contrário, ambos gêneros têm um papel fundamental a desempenhar na busca pela promoção de um mundo mais sustentável e inclusivo. Dentre as qualidades do feminino, elas mencionaram o cuidado, a empatia, a delicadeza, a interdependência, a forte capacidade e sensibilidade de lidar com processos simultâneos e complexos no seu dia a dia, a capacidade de estabelecer uma comunicação mais eficaz, e flexível, de trabalhar em equipe e em redes, a humanização da produção... A lista parece interminável. Porém, como demonstra o **Debate**, os gargalos ainda são muitos e poucas são as mulheres que alcançam posições de liderança na arena nacional e internacional da sustentabilidade.

Mais exatamente, uma das mulheres brasileiras que, após vencer o analfabetismo aos 16 anos, alcançou reconhecimento internacional pelo seu trabalho pela sustentabilidade - incluindo o prêmio *Champions of the Earth* da ONU e duas candidaturas à presidência do Brasil (em 2010 e 2014) - é a ex-ministra de Meio Ambiente e ex-senadora Marina Silva. Silva respondeu às perguntas para a nossa Seção **Entrevista** em São Paulo, em julho, poucas semanas antes da trágica morte do seu companheiro de chapa, Eduardo Campos. Em longa conversa com a prestigiosa jornalista Marta Salomon, a ex-ministra nascida no Acre afirmou que “a integração do olhar feminino, da sensibilidade, da intuição, da lógica do cuidado e do acolhimento talvez possa fazer a diferença em substituição à visão mais cartesiana do mundo”. Silva explicou que “as mulheres têm uma capacidade muito maior de dividir a autoria, a realização e o reconhecimento dos feitos. E isso, por si só, já é uma forma de fazer com que os grandes problemas que a humanidade está atravessando possam ser tratados com uma lógica diferente”.

Fazendo jus a essa “lógica diferente”, muitas mulheres brasileiras semeiam novos (ou tal vez, antigos) valores para a sustentabilidade no seio das suas famílias, das escolas, e de suas comunidades. Assim o demonstra “A Horta”, a **Galeria** que acompanha este dossiê. O belo ensaio fotográfico, da autoria de Claudia de Souza e Paula Simas de Andrade, ilustra os frutos de uma parceria de sucesso entre a comunidade e o governo em Itapoã - uma cidade-satélite de Brasília. A supervisora Sheila Souza dos Santos, 34 anos, transformou um programa de horta comunitária em um verdadeiro espaço de cidadania. A reativação do projeto comunitário de produção de hortaliças gerou não só o acesso à alimentação mais saudável na comunidade, na escola e para as famílias que nela trabalham, mas também uma série de iniciativas comunitárias que envolvem crianças, jovens, adultos e idosos.

Em fim: desde o século passado, com o advento e crescimento do conceito da sustentabilidade, tem sido grande o número de mulheres que vem exercendo de forma pioneira um importante protagonismo nos cuidados e na conservação do meio ambiente. Importantes, também na consolidação do ideal da sustentabilidade, em seu sentido mais amplo, as mulheres vêm se destacando como verdadeiras pontas de lança dos movimentos sociais: de gênero, étnico e ambiental. Neste número dedicado às mulheres, SeD inaugura a seção **Perfil Sustentável**, cujo objetivo é destacar pessoas que vêm contribuindo para a consolidação do sonho da sustentabilidade. Cientes do grande número de mulheres que atuaram e atuam

neste campo, Maria Beatriz Maury de Carvalho destaca neste dossiê algumas que são reconhecidamente pioneiras, em nível internacional, nacional e local.

Desejamos uma boa leitura!

As Editoras

